

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Dirêtor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA GRACA, Limit.*

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Vaidades...



—Fiquem eles com as medalhas, que a mim basta-me "LEALDADE, VALOR E MERITO"...

PALESTRA AMENA

A aparição da Virgem

A poucos quilometros de Vila Nova de Ourem, n'uma charneca pertencente á freguezia de Fátima, aparece na tarde do dia 13 de cada mez, a Virgem Maria, em carne e osso, segundo o testemunho de certo pastorinho, confirmado por pessoas que estão em divina graça, por quanto as restantes negam-se hereticamente a acreditar em tão miraculoso facto.

Em setembro e outubro do ano corrente encontravamo-nos veraneando não longe do local da aparição e confessamos que não nos moveu a curiosidade a assistir, antes nos conservámos na nossa habitual indiferença, como se a aparição da mãe de Jesus Cristo fosse para nós a coisa mais natural d'este mundo. Vimos passar para a charneca centos, milhares talvez, de peregrinos: crentes, curiosos, amadores de *pic-nics*, vendedores de agua fresca e capilé, *reporters*, negociantes de vinho a retalho, uma variada e interessante multidão, e dedicámos apenas alguns momentos de cogitação á causa da romaria.

Cogitação, mas não admiração. O motivo que levava cada uma d'aquelas pessoas ao arraial era em absoluto coerente e de modo algum revelador de desequilibrio de faculdades. Para o leitor, educado no positivismo moderno, as que lhe parecerão mais estranhas são, certamente, as que acreditam na aparição e as que dizem que *viram* a Virgem Maria.

Pois a nós essas mesmas pessoas se nos afiguram rasoaveis, visto que o seu espirito foi educado no misticismo: então nas cidades, nos centros a que convencionalmente chamam civilizados, não se acredita em bruxas, não anunciam as cartomantes a infalibilidade das suas profecias e não são elas consultadas até por individuos que todos temos por conspicuos e inteligentes?

Então não se acredita, por exemplo, que ha ministros que fazem milagrosamente desaparecer um *deficit* orçamental com uma simples penada, que outros se fossem ao poder fariam descer imediatamente os preços dos generos até á normalidade, etc. Fanaticos ha-os em toda a parte e em todos os sentidos, desde o que fala com a Virgem Maria nos penhascos da Fátima, até aos que teem por infalíveis as predições do sr. Antonio José de Almeida.

Ainda ha poucos dias ouvimos a um democratico, em confidencia, baixinho, a proposito da visita do sr. Afonso Costa *ao front*:

— Não diga nada, meu caro, mas vai impôr a paz aos alemães. D'esta vez é que eles não teem remedio senão ceder. Felizes os que crêem!

J. Neutral.

GLU-GLU-GLU

Lá apreendeu o Perú dez navios alemães!

Até o Perú! já é galinha!

Coerencia

Mostra certa relutancia em ajudar a comemoração do centenário de Gomes Freire o nosso amigo Faustino da Fonseca, o que da parte de um liberal, como este é reconhecidamente, causou geral estranheza.

Tivemos hontem a explicação do caso, dada pelo proprio Faustino, que encontrámos por acaso no Chiado quando ia para a Biblioteca.

Comprimentamos amigavelmente, como de costume, ele correspondeu com meia duzia de gargalhadas estrondosas, tambem como de costume, passado o que abordámos o assunto.

— O' Faustino, é verdade que você tem certa antipatia pelo Gomes Freire?

— Ah! ah! ah! Pois é claro que tenho. Ah! ah! ah!

— Porque razão?

— Ah! ah! ah! Vossê bem sabe que eu nunca pude tolerar os frades! Ah! ah! ah! Ficámos estarecidos e observámos:

— Mas que diabo tem uma coisa com outra?

O Faustino:

— Ah! ah! ah! Tem muito. Ah! ah! ha! O dito Gomes era frade. Ah! ah! ah!

— Perdão... mas vossê está equivocado...

— Ah! ah! ah! Não estou tal: Gomes Freire, isto é, Frade. O nome o está dizendo. Ah! ah! ah!

Separámo-nos sem mais explicações. Ah! ah! ah!

Avé, Maria!

Já aqui revelámos que na proxima representação do *Martir do Calvario*, peça com que reabre o teatro Apolo— em boa hora o faça— o papel de Jesus Cristo foi distribuido ao ator Rafael Marques, accentuando nós a felicidade da escolha, porquanto este artista tem todas as condições fisicas para aparentar do macerado Nazareno.

Agora revelaremos que a Virgem Maria será nem mais nem menos do que a illustre atriz Adelina Abranches, e não accentuemos menos calorosamente que d'esta vez a escolha tambem foi de se lhe tirar o chapéu. Moralmente é claro que a analogia nem se discute; quanto ao fisico, pelas fotografias que a mãe de Jesus nos deixou, Adelina é ela por uma pena.

Em geral, podemos assegurar que todas as personagens foram sabiamente distribuidas. Só nos falta saber quem é que vai fazer o papel da burrinha em que a Senhora fugiu para o Egito, mas confiamos em que recairá em quem não desmanche o conjunto, como soe dizer-se.



Como fuge um submarino

Aquela do submarino alemão, guardado cuidadosamente n'um porto hespanhol, se pôr ao fresco sem ninguem dar por isso, tem intrigado muita gente, tanto mais que as autoridades encarregadas da vigilancia foram, quando os superiores lhes notificaram o castigo, quasi que elogiadas, afirmando estes que no logar d'elas provavelmente teriam tambem sido iludidas.

Não nos parece que haja motivo para surpresas: tudo depende da especie do submarino em questão.

Suponham, por exemplo, que o sub-



marino tinha azas: como se havia de evitar que voasse?

Imaginemos que era d'aqueles que não teem azas mas d'uns que teem a propriedade de se fazerem tão pequeninos que ficam do tamanho de uma pulga: como se havia de dar, á primeira vista, com o desaparecimento?

Fantasiemos ainda que o dito submarino foi muito simplesmente levado por terra, ás costas d'um moço de fretes; é claro que, não supondo ninguem que um submarino pudesse fugir senão por mar, não havia sentinelas pelo lado de terra, falta absolutamente desculpavel.

Fosse como fosse, a neutralidade hespanhola afigura-se-nos mais uma vez indiscutivel—caramba!

Livros, livrinhos e livrecos

Estamos em falta para com muitos autores e editores, que nos teem enviado obras, na ausencia do redator encarregado d'esta secção, o qual tem estado no campo—porque tambem é gente, como qualquer de nós, e precisa de descanso de ano a ano. Acusamos desde já a recepção de: *Triste*, sonetos de Esmeralda de Santiago; *Mutilados da guerra*, de José Pontes; *Coração*, de Urbano Rodrigues; *Veneno*, de Rocha Junior; *Outra vez Praxedes*, de André Brun; *Minha Patria*, de Simeão Vitoria; *Almanaque dos palcos e salas para 1918*, de Arnaldo Bordalo.

O dito redator distribuirá oportunamente as sovas respeitivas. Sob nossa responsabilidade apenas publicamos antecipadamente um excerto do *Outra vez Praxedes*, por sermos intimos amigos do autor e por serem os amigos para as ocasiões.

Moda de guerra

Em todas as nações se estão aproveitando para culturas uteis os terrenos que até aqui eram destinados apenas a recreio, e entre nós a Camara Municipal de Cascaes acaba de dar o exemplo plantando batatas, couves, etc., nos jardins publicos. Bem haja.

E' de esperar que a de Lisboa não demore providencias identicas, como lhe cumpre, apesar dos protestos do sr. Eduardo Noronha, que se ha de vêr a perros para conservar na lapela o seu eterno cravo.

Como a questão é de moda e esta é puramente convencional, propomos, de acordo com as necessidades da guerra:

1.º—Que os janotas usem nas botteiras em vez de flôres couves lombardas, nabijas e outras hortaliças por igual decorativas.

2.º—Que os perfumes de rosas, vio-



letas, etc., sejam substituidos nos sachets pelos de cebolas, alhos e outros condimentos.

3.º—Que a flôr de laranjeira nas noivas seja substituida por aboboras meninas.

4.º—Que os ramos que se oferecem ás atrizes nas noites de beneficio sejam substituidos por mãos de nabos, pés de salsa e batatas.

5.º—Que as futuras batalhas de flôres sejam abolidas e em seu lugar se façam batalhas de tomates, batatinhas, feijão e outras substancias alimenticias.

D'este modo ninguem se oporá, ás novas plantações.

Coisas da guerra

Noticia um jornal da noite:

«O exercito russo da America, depois de um longo periodo de passividade, manifestou-se ativo. A 73 quilometros de Mossoul apoderou-se das posições turcas do Neremau».

Que tal? Não estão já os russos e os turcos na America?

Com esta estupenda novidade revela-nos a comunicação do dito periodico mais outra: e vem a ser que, além de todas as desgraças, a guerra produz mais a de subir á cabeça dos jornalistas produzindo a peor das loucuras—a geografica! E' triste!

EM FOCO

A VENDEDORA DE CASTANHA



*E's tu, ó vendedora de castanha,
Que á porta d'uma tasca as sobreditas
Assas ou coses, nedias e bonitas,
Quem por jus o soneto agora apanha.*

*Não que a fama que tens seja tamanha
Como a d'outras figuras já descritas,
Não que assinales coisas exquisitas
Mas o outono em logar que o Tejo banha.*

*Refiro-me, é sabido, casta dama
A' castanha comivel, boa e quente,
Onde o sal em pedrinhas se derrama;*

*Quanto á outra, á que o povo mais consente
E quando mal se espera bem se grama
Não marca uma estação: é permanente.*

BELMIRO.

Barbeiros

Afinal de contas a decisão dos barbeiros, de elevarem o preço das barbas, do corte de cabelo e outras operações correlativas, não mereceu a aprovação geral d'aquella prestimosa classe e é de supor que fique tudo como d'antes, tanto mais que uma grêve de barbeiros não trazia á sociedade consequencias em demasia desastrosas: ou toda a gente passaria a servir-se a si proprio ou, camachamente, não se oporia á natural evolução dos pêlos até onde estes quizessem chegar.

O que está, porém, em via de resolução é o estabelecerem-se barbas com penas ou sem penas.

Expliquemos. O nosso barbeiro, cavalheiro, de imensa graça e expediente



—visto que é leitor assiduo das aventuras do *Quim* e do *Manecas*—quando lhe entra na loja para se barbear algum freguez saloio ou da cidade, mas com tipo de pacovio, pergunta-lhe:

—Quer com penas ou sem penas?

O homem não percebe, mas para não dar parte de fraco de intelligencia, responde ao acaso, por exemplo:

—Com penas.

Termina a operação, o freguez vai a dar seis centavos e o mestre observa:

—Desculpe, mas são oito centavos, quatro vintens.

—Ora essa! Por quê?

—O senhor quiz com penas...

Quando o pateta pede «sem pena» já se sabe que o resultado é o mesmo.

Adotado o sistema, o aumento efetuar-se-ha sem ninguem se atrever a repontar.

«Outra vez Praxédes»

Do recente e engraçadissimo livro de André Brun, com aquele titulo:

OS AMIGOS

Praxédes estava hontem na paragem da rua do Ouro á espera de um carro para a rua de S. João dos Bemcasados. Ao principio, tão abstrato o via, que cuidel que estivesse, suggestionado pelos folhetins de Julio Dantas, «a namorar de estafermo».

Havia bastantes estafermos na visinhança; mas Praxédes não trazia quitô e, se bem que tivesse posto o guarda-sol a mamar no sovaco, não compunha os bucras da cabeleira.

—«Que está você aqui a fazer?»—perguntel eu...

—«Estou a pensar.

—«Veja lá se lhe faz mal.

—«Não. De vez em quando, entretenho-me n'isto. Estava a pensar n'um amigo que eu tinha. Esse amigo era meu amigo. Conheciamo-nos de pequenos. Tinhaamos andado juntos no collegio. Pela vida fóra encontravamos-nos quasi todos os dias e eje dizia-me sempre:—«Como estás tu, meu amigo?»—Pois bem, Desde que velu a Republica o meu amigo, porque assim o entendeu, meteu-se a talassa. Não fiz caso; era meu amigo. Eu sou republicano e, se viesse a monarchia, perdia o meu logar e ficava com a familia á dependura. O meu amigo trabalhava para que se restaurasse outro regimen, isto é: para que eu e minha gente ficassemos a comer pevides. No emtanto, cada vez que encontrava o meu amigo, apertava-lhe a mão. Era meu amigo. Ultimamente, e quando muita gente supunha que a Republica tinha os seus dias contados, o meu amigo descobriu claramente o jogo. Tinha a coisa como certa e cantava victoria. E eu dizia cá para comigo:—«Olha que rato de amigo que eu tenho!» Vem o 14 de maio, a Republica triunfa e eu tambem e não tendo nunca deixado de sér amigo do meu amigo, passo pela sensaboria d'ele deixar de ser meu amigo e me querer mal, isto porque as circumstancias evitaram que a minha vida se perturbasse e os meus pequenos tivessem que andar a vender caute-las...

—«Você tinha evitado essas desillusões da sua ingenuidade, se, na hora em que viu que o seu amigo procurava encraval-o, alinda que indiretamente, tivesse franca e deliberadamente, tomado a resolução de o considerar como seu inimigo...

—«Podia-lá ser. Andel com ele no collegio, encontravamos-os todos os dias, a terra é tão pequena, nós somos todos amigos...

—«Você tinha evitado essas desillusões da sua ingenuidade, se, na hora em que viu que o seu amigo procurava encraval-o, alinda que indiretamente, tivesse franca e deliberadamente, tomado a resolução de o considerar como seu inimigo...

—«Podia-lá ser. Andel com ele no collegio, encontravamos-os todos os dias, a terra é tão pequena, nós somos todos amigos...

—«Você tinha evitado essas desillusões da sua ingenuidade, se, na hora em que viu que o seu amigo procurava encraval-o, alinda que indiretamente, tivesse franca e deliberadamente, tomado a resolução de o considerar como seu inimigo...

—«Podia-lá ser. Andel com ele no collegio, encontravamos-os todos os dias, a terra é tão pequena, nós somos todos amigos...

André Brun.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

13.ª PARTE

O homem das barbas

1.º EPISODIO

(CONTINUAÇÃO)



1.—O Manecas e o Quim dormem sempre de ouvido á escuta.



2.—Um homem de barbas abre a porta do quarto dos dois manos



3.—e aponta-lhes um revolver. Manecas ri, sem medo; o barbaças desfechou...



4.—Mas as balas fazem ricochete na couraça de que Manecas se revestira e atingem o homem das barbas.



5.—Manecas prende o criminoso.



6.—Interroga-o, mas sem resultado,



7.—e resolve, então, escrever ao Manequinhas reclamando o seu auxilio.



8.—O Quim corre a entregar a carta.

(Continua).